

A capoeira teresinense: linhagens, federações e suas posições no espectro político

Capoeira in Teresina: Lineages, Federations and Political Spectrum

Celso de Brito

Doutor em Antropologia Social – Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Robson Carlos da Silva

Doutor em Educação – Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Resumo

Esta etnografia (2018-2021) busca analisar a configuração sociopolítica da comunidade capoeirística da cidade de Teresina (PI) através de suas estratégias de luta por reconhecimento e garantia de direitos. Constatam-se elementos de uma lógica sociopolítica ancorada no conflito, oriunda da fundação das primeiras linhagens da cidade, que se mantém numa dimensão virtual e atualiza-se de acordo com o cenário político mais amplo, marcado, na atualidade, pela polarização entre “conservadores” e “progressistas”, o que permite repensar a relação entre noções centrais desse universo, tais como “tradição”, “ancestralidade”, “hierarquia” e “democracia”. Conclui-se que as estratégias de mobilização da comunidade capoeirística em torno do reconhecimento e da garantia de direitos são derivadas da síntese entre a lógica sociopolítica nativa e a lógica estatal, bem como da transposição de conflitos entre linhagens da capoeira local para o campo político-partidário.

Palavras-chave: capoeira; Teresina; política nativa; política formal.

Abstract

This ethnography (2018-2021) seeks to analyze the sociopolitical configuration of the capoeira community in the city of Teresina, PI, through its strategies of struggle

seeking recognition and guaranteeing rights. There are elements of a sociopolitical logic anchored in the conflict, originating in the foundation of the first lineages of the city, which remains alive in a “virtual” dimension and is updated according to the broader political scenario, currently marked by the polarization between “conservatives” and “progressives”; which allows to reconsider the relation between the core concepts of this universe, such as “tradition”, “ancestry”, “hierarchy” and “democracy”. The conclusion is that the capoeira community's strategies for mobilizing recognition and guaranteed rights are derived from the synthesis between native sociopolitical logic and State logic and the transposition of conflicts among lineages of local capoeira into the partisan political arena.

Keywords: capoeira; Teresina; native politics; formal politics.

Introdução

Através da análise de dados coletados em trabalho de campo realizado, entre julho de 2018 e agosto de 2021, junto aos capoeiristas da cidade de Teresina (PI), e de livros especializados na história da capoeira da cidade, buscamos compreender o processo de (re)organização sociopolítica que aponta para uma atualização/adaptação de parte da lógica relacional da capoeira local ao contexto atual da política nacional. Nossa hipótese é de que a segmentação fundante das linhagens da cidade se perpetua, inclusive em outras dimensões da vida social dos capoeiristas, mesmo depois de inúmeras tentativas de alianças com fins de fortalecer a categoria em embates políticos frente ao Estado.

Nosso objetivo se desdobra em descrever as estratégias de ação dos capoeiristas da cidade, bem como a operacionalização dos diferentes marcadores sociais que definem aproximações e distanciamentos formadores de instituições burocrático-administrativas e de segmentos sociopolíticos dos capoeiristas no interior da política partidária formal, e analisar suas posições no espectro ideológico.

Este último objetivo torna-se importante na medida em que nos permite pensar a capoeira contextualizada no atual cenário político brasileiro, marcado por uma forte polarização ideológica. Há na capoeira diferentes narrativas sobre sua ideologia política, algumas associando o seu nascimento à luta contra a opressão, e, por isso, seria essencialmente atrelada à posição política de “esquerda”/“progressista”, o que pode ser sintetizado pela frase amplamente repetida em muitas ocasiões: “capoeira

é resistência contra o sistema!". A questão é que, além de não sabermos ao certo a que se refere esse "sistema", existem também outras narrativas alegando o caráter apolítico da capoeira. Ora, se a capoeira é feita por mestres/as e capoeiristas, detentores/as desse saber, supomos que ela seja o que essas pessoas fazem dela.

Nesse quesito, temos indícios históricos apontando para o fato de que segmentos de capoeira opostos ligaram-se, no período imperial, a partidos situados em polos opostos dentro do espectro ideológico: "Aos poucos os capoeiras foram se agrupando, ao ponto de constituírem duas 'nações': a dos 'guayamus' e a dos 'nagôs', que mantinham entre si rivalidade intransigente, fazendo guerra uma com a outra. [...] **Uma das 'nações' se ligara aos conservadores, outra aos liberais** [...]" (MAGALHÃES JÚNIOR, 1957 *apud* SOARES, 1993, p. 60, grifo nosso).

Estudos sobre a relação entre a capoeira e o campo político na contemporaneidade também já foram realizados. Neles, a própria ideia do "político" recebe distintas acepções, de acordo com novos sentidos que o termo vem adquirindo desde a década de 1980 até os dias atuais,¹ seja relativo ao aspecto étnico-racial no Brasil, seja ao ativismo e à ocupação urbana, à sociopolítica local, ao gênero ou ao processo de patrimonialização, entre outros. Mas nenhum desses trabalhos aprofunda a reflexão sobre a relação entre a organização sociopolítica interna da capoeira e a participação de capoeiristas no campo político partidário, como buscamos fazer neste artigo. Para tanto, intencionamos analisar essa relação, considerando e mapeando as ações políticas e o próprio "campo político" do ponto de vista dos capoeiristas.

Tendo em vista que as narrativas dos capoeiristas de Teresina remetem ao tempo das origens (uma vez que os valores e as relações lá instaurados orientam significativamente as relações sociais entre membros da comunidade capoeirística na atualidade), fazemos uma análise histórica complementar de narrativas de mestres "mais velhos" sobre a configuração da capoeira teresinense da década de 1970 e da literatura existente sobre o assunto. Mais especificamente, a pesquisa focou as relações sociais no interior da comunidade, sobretudo após o ano de 2008 (data em que ocorreu o registro da capoeira como bem cultural imaterial e momento em que os capoeiristas intensificaram as tentativas de articular-se de forma supragrupal com

¹ Seja relativo ao aspecto étnico-racial no Brasil (REIS, 1993; PIRES, 1996; ARAÚJO, 2004; PEÇANHA, 2019; GRANADA, 2020), ao ativismo e ocupação urbana (SILVA; NASCIMENTO, 2017; SILVA; BRITO, 2020), à sociopolítica nativa (MAGALHÃES FILHO, 2012; BRITO, 2017; CALDAS, 2018; SILVA, 2021), ao gênero (OLIVEIRA; LEAL, 2009; ARAÚJO, 2017; PINHEIRO, 2020; ZONZON, 2021) ou ao processo de patrimonialização (VASSALO, 2008; VIEIRA; FONSECA, 2012; ADINOLFI, 2019; SILVA, P., 2020).

vistas a garantir direitos junto a segmentos do Estado), até o período seguinte às eleições municipais de 2020.

Constatamos que a maior articulação ocorrida a partir de 2008 significou uma alteração relativa à reconstrução dos modelos organizacionais dos grupos de capoeira da cidade, relacionada à tentativa de adaptá-los ao modelo definido pelo Estado, caracterizado por um grau de homogeneidade suficiente para que haja representatividade, seja por uma pessoa, seja por um conjunto de pessoas ilustres. Como diz Mestre Albino, essa “[...] *pressão das autoridades*” remonta à década de 1980, quando *“toda vez que íamos na secretaria, qualquer capoeirista... eles diziam: ‘não, tem que ser todo mundo junto, tem que vir uma federação’”* (VERAS, 2020) o que o estimulou a criar a primeira federação do estado, a Federação Piauiense de Capoeira (FPC).

Através da descrição desse processo, buscamos também apontar para uma característica das políticas públicas culturais brasileiras no que tange à limitação da participação de segmentos sociais e étnicos minoritários, podendo inclusive funcionar como uma tecnologia de controle, marginalizando mais do que engajando sujeitos e grupos à chamada política participativa.

Apesar disso, ainda no ano de 2008, a comunidade de capoeiristas de Teresina conquistou a aprovação da Lei Estadual nº 5.784/2008, que garantiria espaço de trabalho para professores de capoeira nas escolas públicas do estado, obviamente com a necessidade de haver uma federação estadual que respondesse junto ao Estado por toda a comunidade. Infelizmente, essa lei nunca foi posta em ação e a razão mais apontada para isso, por parte dos gestores públicos (e que acabou por refletir na autoimagem dos próprios capoeiristas), é a *“desorganização dos capoeiristas que vivem brigando entre si e nunca conseguem um consenso”*.²

“Estudiosos-jogadores” e o campo de pesquisa

Inicialmente, é importante acrescentar que nós, os autores, somos capoeiristas atuantes na cidade de Teresina e professores/pesquisadores universitários. Somos, como Braga (2019) sugeriu acerca de um dos autores, Celso,

² Fala proferida por Carlos Alberto Pereira da Silva, Superintendente de Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação de Piauí (Seduc-PI), em reunião organizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e por capoeiristas do estado, em março de 2021. O mote da reunião era a inserção da capoeira nas escolas via Lei Estadual no 5.784/2008 (alguns aspectos sobre essa lei serão discutidos adiante). Mas essa ideia parece ser mais geral. Braga (2018) também encontrou um relato parecido em São Paulo: *“Segundo Mestre Bamba: ‘O Estado diz que a Capoeira é desorganizada, mas ela sempre foi organizada, foi o maior movimento negro de resistência que já existiu’* (BRAGA, 2018, p. 114).

[...]“estudioso[s]-jogador[es]”, termo usado por Carlos Eugênio Líbano Soares (1995), no livro *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro*, para nomear capoeiristas que também se dedicam a pesquisas acadêmicas sobre Capoeira. Mestre Luiz Renato [VIEIRA e Matthias ASSUNÇÃO] (1998), no artigo *Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da Capoeira*, diz ser de grande contribuição às ciências humanas que capoeiristas sejam pesquisadores acadêmicos, no entanto, observa que esses podem legitimar a visão da própria linhagem ou grupo: “a inserção do pesquisador do campo – no sentido sociológico de Pierre Bourdieu – da Capoeira, o que, sem dúvida alguma, interfere nas posições que este assume quanto a aspectos doutrinários da luta” (1998: 2). (BRAGA, 2019, p. 359)

Sabendo que essa sobreposição “sujeito-objeto” não é nova na Antropologia, já que há reflexões sobre o tema no Brasil há mais de 60 anos, desde que antropólogos e antropólogas passaram a realizar suas pesquisas junto a comunidades das quais faziam parte (ver OLIVEN, 2007), acreditamos mantermos nosso compromisso científico através do constante policiamento epistemológico, potencializando os aspectos positivos de nossos pertencimentos à comunidade estudada e minimizando os possíveis vieses na pesquisa. Um dos passos importantes para isso, como escreve Obadia (2003), é explicitar a subjetividade dos pesquisadores, na medida em que isso contribui para a explanação e a precisão metodológica:

O reconhecimento da subjetividade não se confunde com a tentação autobiográfica: é um esforço de precisão metodológica, ao qual se empenham cada vez mais pesquisadores, que dedicam, há várias décadas, pelo menos um capítulo (geralmente em conclusão ou introdução) para explicar as condições da pesquisa, na primeira pessoa. (OBADIA, 2003, p. 22, tradução nossa)³

Apesar dessa identificação enquanto “estudiosos-jogadores”, temos diferenças oriundas das nossas áreas de atuação acadêmica, assim como diferenças concernentes ao próprio universo capoeirístico, que implicaram uma organização específica do trabalho de pesquisa. Um de nós (Celso) é antropólogo, angoleiro, responsável pelo núcleo teresinense do grupo de capoeira Angola Zimba e novo no cenário teresinense (cerca de quatro anos); o outro (Robson ou Mestre Bobby) é pedagogo especializado em História da Educação, mestre de capoeira com 42 anos de prática, fundador do grupo de capoeira Escola Mestre Bobby e cofundador de uma das linhagens que aqui será discutida (a do “antigo Senzala”, como é conhecida).

³ No original: “La reconnaissance de la subjectivité ne se confond pas avec la tentation autobiographique: elle est un effort de précision méthodologique, auquel se livrent d'ailleurs de plus en plus les chercheurs qui consacrent, depuis quelques décennies maintenant, au moins un chapitre (généralement en conclusion ou introduction) à expliciter les conditions de l'enquête, à la première personne”.

Se Robson mantém um grande acervo de entrevistas e de escritos importantes sobre a história da capoeira na cidade, é necessário dizer que, mesmo com grande esforço para manter-se neutro e aberto ao diálogo com todos os seus interlocutores capoeiristas, reconhecemos certos entraves estruturais que dificultam o seu acesso a alguns deles, notadamente aqueles pertencentes à linhagem oposta à sua. Tais entraves estruturais são parte de uma lógica relacional estruturada no conflito,⁴ operante na comunidade capoeirística local. Buscamos sanar essas dificuldades através de renovadas tentativas de realização de entrevistas (formais e informais, via aplicativos como WhatsApp e Google Meet), assim como pelas consultas às chamadas *lives*, amplamente realizadas nos últimos dois anos por conta da quarentena ocasionada pela COVID-19 (GONZÁLEZ-VARELA, 2021).

Resumidamente, Robson responsabilizou-se por parte dos dados históricos, coletados através de histórias de vida de mestres do passado, mas, sobretudo, de suas próprias experiências e memórias,⁵ e Celso, por parte significativa dos dados históricos e, principalmente, pelo trabalho de campo que deu origem a esta etnografia.

Durante as primeiras incursões ao universo da capoeira teresinense, houve a forte impressão de que os capoeiristas da cidade não se interessavam por política. Em julho de 2018, aconteceu uma reunião no Memorial Esperança Garcia (o MEG⁶ – local onde funcionam quatro grupos de capoeira da cidade: Abadá, Muzenza, Movimentação e Cordão de Ouro) para a organização da 6ª versão do evento anual denominado “Cultura Negra Estaiada na Ponte”, coordenado por um segmento do Movimento Negro de Teresina (MNT). Nessa reunião, havia representantes de religiões

⁴ Conflito simbólico, marcado pela disputa de narrativas a respeito da posição dos fundadores da capoeira na cidade, mas também físico, em torno da “autoafirmação” (SILVA, W., 2020) caracterizada pela junção defesa da honra masculina/“bandeira do grupo” e pela disputa pelo incipiente nicho de mercado das academias, que se formava nas décadas de 1980 e 1990. Sobre essa lógica relacional baseada no conflito estruturado e estruturante da capoeira teresinense, ver Wanderson Silva (2020).

⁵ Para melhor situarmos as fontes das informações, utilizamos as ideias de Alberti (2010), acreditando que uma história de vida favorece a compreensão dos fatos sociais do passado e que as experiências individuais alargam nosso conhecimento sobre o mundo. Entendemos que lembrar não é tão simples, visto exigir um esforço que, não raro, se revela infrutífero e infecundo, pois, ao buscarmos trazer à tona as recordações, percebemos o quanto somos vítimas de esquecimentos e dos efeitos nefastos da oclusão de lembranças que o tempo se encarrega de omitir em nossas mentes. Para percorrer essa trilha de volta ao passado, convidamos diversas pessoas que, direta ou indiretamente, vivenciaram ou escutaram as histórias de vida dos personagens centrais da história que nos propusemos a rememorar, fundamentais na montagem desse intrincado mosaico, desse desenho que pretende ser o mais fiel possível dentro das possibilidades concedidas pela memória.

⁶ Espaço cultural fundado no prédio onde funcionava a antiga Unidade Escolar Domingos Jorge Velho. Em 2007, por meio de ações do Movimento Negro da cidade, passa a chamar-se Zumbi dos Palmares; e, finalmente, em 2017, sob a gestão de Antônia Aguiar, o espaço passou a chamar-se Memorial Esperança Garcia, em homenagem à primeira advogada negra do Brasil (AGUIAR, 2018).

afro-brasileiras, de instituições artísticas negras e de blocos afro atuantes na cidade, mas nenhum capoeirista dos mais de 20 grupos de capoeira da cidade.⁷ Tempos depois, o evento ocorreu, e foram apresentados grupos culturais de terreiros de umbanda, de candomblé e de capoeira.

Na mesma semana, um grupo de capoeira apresentou-se num comício do Partido dos Trabalhadores (PT) no bairro Irmã Dulce, em meio à campanha pela Presidência da República, e lá também se encontravam lideranças de alguns grupos afro presentes no evento supracitado. Todos cantaram, tocaram e discursaram enfaticamente, com exceção dos representantes da capoeira, que apenas entretiveram a massa, mas não se manifestaram verbalmente.

Nessas circunstâncias, constatamos que os capoeiristas não participaram da instância organizacional do evento cultural e não usaram a palavra para posicionar-se politicamente durante o comício. Poderíamos entender os distintos papéis dos capoeiristas e de outros segmentos afro na cidade à luz da distinção estabelecida pelo Movimento Negro Unificado (MNU) da década de 1970, relativa às noções de “política” e de “cultura” e seus respectivos termos correlatos “movimento” e “entretenimento” (FÉLIX, 2018), atribuindo à capoeira teresinense a qualidade de “entretenimento cultural”, em detrimento de qualquer aproximação a um “movimento político”. Porém, Wanderson Silva (2020) alertou para uma interessante afirmação de Antônia Aguiar (coordenadora do MEG) durante uma entrevista: *“os capoeiristas não participam no movimento aqui com a gente, mas estão aqui no Memorial. Nós temos nosso movimento e eles têm o movimento deles, nós temos nossa política e eles têm a forma deles de fazer política”* (AGUIAR, 2018, n. p.).

Desde essa fala de Antônia, a hipótese inicial sobre a despolitização dos capoeiristas da cidade foi posta em suspensão, dando espaço às seguintes perguntas: que tipo de movimento político os capoeiristas de Teresina fazem? Como eles se organizam politicamente? É possível identificar suas posições segundo um espectro político? Qual é a relação entre eles e o Estado?

Alguns meses após a reunião no MEG citada anteriormente, circulou nas redes sociais um convite do Coletivo da Capoeira para participar de uma outra

⁷ Em 2015 houve um mapeamento realizado pelo IPHAN-PI, como parte do Plano de Salvaguarda, em que constam 35 mestres e 19 grupos em todo o estado (ver PIAUÍ, 2015). Em maio de 2021, iniciou-se um mapeamento apenas da cidade de Teresina (Projeto de Extensão-UFPI em andamento: “Capoeira em Teresina, construção do registro de um patrimônio imaterial da cidade”), em que já foram localizados 45 mestres. Isso indica uma limitação do alcance da pesquisa realizada pelo IPHAN ou um considerável crescimento da capoeira na cidade/no estado nos últimos cinco anos – ou ambas as situações.

reunião, no mesmo local, voltada à *reorganização política da capoeira na cidade*. Durante esse primeiro encontro, ocorrido em janeiro de 2019, contramestre Boquinha⁸ definiu os princípios norteadores do que foi chamado de “Coletivo da Capoeira do Piauí”:

[...] tentar, mais uma vez, unir os capoeiristas em um único propósito, organizar politicamente a capoeira do estado do Piauí para conseguir cobrar o governo e ter acesso às políticas públicas que um patrimônio cultural merece.⁹ O nosso estado está muito atrasado, e a culpa é nossa. (SANTANA, 2018, n. p.)

Em 2019, na condição de professor universitário e pesquisador, um dos autores, Celso, recebeu o convite do coletivo para contribuir enquanto mediador junto ao IPHAN-PI, atuando num grupo de trabalho (GT) sobre a salvaguarda da capoeira. Em seguida, enquanto capoeirista, houve também o convite para participar das discussões sobre a FPC junto com uma espécie de alistamento quase compulsório a ela, suprimindo assim uma lacuna no cenário capoeirístico local, já que, entre os mais de 20 grupos de capoeira da cidade, apenas o grupo Zimba, coordenado por Celso, pertence à vertente da capoeira angola.

No decorrer das reuniões mensais, o intuito de unificação se frustrou com o surgimento de conflitos entre dois segmentos de linhagens locais que indicavam a formação de duas federações opostas. Na condição de angoleiro, pôde-se defender a não filiação a nenhuma federação, o que trouxe benefícios à pesquisa, uma vez que, através de um argumento compreensível e legitimado na comunidade,¹⁰ foi possível manter a imparcialidade no conflito entre as linhagens, permitindo o acompanhamento das reuniões e a elaboração de estratégias de ambas as partes.

Por fim, o trabalho de campo foi marcado por um jogo de “dentro” e de “fora”: “dentro” ao ponto de acessar informações privilegiadas da comunidade; e “fora” a ponto de permanecer neutro nos conflitos sociopolíticos das linhagens locais.

⁸ Leônidas Ferreira da Silva Santana, 51 anos, funcionário público. Membro do grupo Raízes do Brasil.

⁹ A capoeira foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil (em 2008) e como Patrimônio Cultural da Humanidade (em 2014); a roda de capoeira foi registrada no “Livro das Expressões”, e o ofício do mestre de capoeira foi registrado no “Livro dos Saberes” (BRASIL, 2016). Tal patrimonialização permite a implementação de políticas públicas de salvaguarda, voltadas à manutenção e à transmissão da cultura da capoeira.

¹⁰ O universo da capoeira é muito hierárquico, sobretudo em alguns segmentos da capoeira angola. Alguns deles se caracterizaram por uma luta simbólica contra instituições como as federações, entendidas como mecanismos de descaracterização da capoeira tradicional.

As principais linhagens fundadoras e seus conflitos

As narrativas sobre as origens da capoeira em Teresina são muito ricas e recheadas por histórias de conflitos, alguns inclusive vivenciados por Robson, um dos autores deste artigo. Entendemos que quatro linhagens se consolidaram entre as décadas de 1970 e 1980 e ainda seguem ativas atualmente: a da Associação Beira-Mar Capoeira, a do antigo grupo Senzala, a da Associação de Capoeira Escravos Brancos (cujas origens remetem, respectivamente, a Brasília e ao sudeste do Brasil, especificamente ao Rio de Janeiro e a São Paulo) e a linhagem do grupo Mocambo.

No entanto, podemos apontar para um “movimento precursor” formado por jovens que estudaram fora do Piauí, envolveram-se com a capoeira e, ao retornarem, iniciaram práticas esporádicas em Teresina, tais como Marcondes¹¹ e Paulo Capoeira.¹² Apesar de poucas informações disponíveis sobre eles, muitos capoeiristas antigos os consideram os precursores da capoeira na cidade (BRANDIM, 2020; CARVALHO, 2020; SOUSA, 2020).

Posteriormente, alguns mestres baianos passaram por Teresina através dos grupos de *shows*, como os Mestres Coringa e Cacau, de Salvador (BA),¹³ e, além de espetáculos em casas de *shows*, realizavam rodas de rua na cidade, tais quais as rodas de que diziam ter participado no Mercado Modelo, em Salvador (SILVA, 2016). Essa capoeira, que formou grande parte dos fundadores da cena capoeirística da cidade, trazia uma prática rústica e valores associados à rua, como “rodar o chapéu” (recolher dinheiro dos assistentes) e o “apanha a laranja no chão tico-tico” (disputar dinheiro atirado pelos assistentes ao centro da roda durante o jogo).

Assim, a capoeira teresinense adquire seu primeiro esboço após o início da circulação interestadual que ocorria a partir do final da década de 1960 e nos anos 1970. Nesse período, o Sudeste também foi um grande atrativo para os jovens, não apenas teresinenses, mas nordestinos. Muitos destes mudaram-se para aquela

¹¹ José Marcondes Oliveira Machado foi professor da Escola Técnica Federal (atual IFPI). Aprendeu capoeira em Brasília no final da década de 1960, quando se mudou para lá para estudar. Treinou com Mestre Tabosa (Hélio Tabosa de Moraes, 73 anos) e Mestre Adilson (Adilson Alves da Silva, 71 anos) em Brasília, e nas férias voltava à cidade e ensinava outros camaradas (SILVA NETO, 2020). Faleceu em 2019, com 68 anos.

¹² Tornou-se uma espécie de mito na cidade, muitos mestres da primeira geração o citam como uma importante figura no cenário local, mas ninguém tem informações aprofundadas sobre ele. Dizem que se mudou para o Rio de Janeiro, se tornou pastor evangélico e se afastou da capoeira definitivamente.

¹³ Assim como Paulo Capoeira, Coringa e Cacau fazem parte das narrativas dos mestres antigos de Teresina, mas pouco se sabe sobre eles.

região em busca de melhores condições de vida na década de 1960. Como é sabido, entre eles estavam muitos baianos que levaram consigo seus saberes capoeirísticos, contribuindo efetivamente para novas formas da capoeira. Uma dessas formas foi atrelada à lógica funcionalista e objetivista, própria dos desportos federalizados, consolidando-se por meio da institucionalização das associações e das federações de capoeira. Nesse novo contexto, alguns mestres passaram pelo que Frigerio (1989) chamou de “processo de branqueamento” ou “esportivização”, para adequarem-se ao mercado das artes marciais do Sudeste, contribuindo para a origem da Federação Paulista de Capoeira,¹⁴ integrada até 1974 à Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), gerenciada pelos militares.

Na Teresina do início da década de 1970, já havia capoeiristas que aprendiam alguns movimentos através de livros, como relata Mestre Tambor¹⁵ (SILVA, 2016), e, esporadicamente, com *hippies* que passavam pela cidade, como Luis Bahia (LEITE, 2019) e Cláudio (CARVALHO, 2021). Entre esses fluxos e refluxos que trouxeram a capoeira para Teresina, houve também aqueles que iniciaram suas práticas na própria Teresina da década de 1970 e que acabaram por consolidar suas trajetórias em outras localidades, como é o caso de Mestre Piauí,¹⁶ que treinou a princípio com Cláudio¹⁷ e com Paulo Capoeira e depois de alguns anos mudou-se para Salvador, onde passou a treinar com Mestre Itapoan¹⁸ até se formar (CARVALHO, 2021). Mas a capoeira começa a estruturar-se de fato a partir do trabalho de Paulista ou

¹⁴ O processo de esportivização visava a homogeneizar regras para campeonatos nacionais, uniformes e nomenclaturas de golpes, além de inserir símbolos nacionalistas como o sistema de graduação com as cores da bandeira do Brasil e a saudação baseada no Hino à Bandeira: “Salve!”. Dentro da Federação Paulista de Capoeira, fundada em 1974, havia dois posicionamentos político-ideológicos distintos. Por um lado, Mestre Pinatti (Djamir Furtado Pinatti, 91 anos), um de seus fundadores, dizia: “[...] o coronel Ságuas, que era do Exército, nos ajudava com os campeonatos, nos davam ginásios, os melhores hotéis e restaurantes, ônibus pra pegar a delegação... a capoeira foi muito bem tratada pelos militares!” (AUETUI..., 2014, n. p.). Por outro, Mestre Macaco Preto (Santana), que tempo depois se tornou parte do Conselho de Mestres da Federação Paulista de Capoeira, afirmava sobre o período: “Aqui era o contrário, aqui eles desciam a porrada, levava pro calabouço e às vezes matavam... acho que todos os capoeiristas já sofreram com os Boinas Azuis, naquela época era o maldito regime militar, né?” (AUETUI, 2014, n. p.).

¹⁵ Evaldo Santos e Silva, 52 anos, policial militar do estado de Tocantins, aposentado. Fundador e líder do grupo de capoeira Tambor.

¹⁶ Dayton Starley Moita de Carvalho, 61 anos, é professor de Educação Física aposentado e fundador da Associação de Capoeira Bahia Arte. Parece-nos relevante falar sobre Mestre Piauí menos por sua contribuição para a capoeira da cidade do que pelo seu atual papel protagonista (ao lado de seu mestre, Itapuã, e de outros importantes mestres) na tentativa de criar um partido político exclusivamente formado por e para capoeiristas, conforme veremos brevemente ao final deste artigo.

¹⁷ Cláudio aparece na narrativa de alguns mestres, mas pouco se sabe sobre ele.

¹⁸ Raimundo Cesar Alves de Almeida, 74 anos, é dentista. Foi aluno do famoso criador da capoeira regional, Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado, 1899-1974), e é o fundador da Ginga Associação de Capoeira.

Albino¹⁹ e de um conjunto de outros jovens capoeiristas da cidade que, depois de algum tempo, tornaram-se mestres.

Como dissemos acima, tomamos conhecimento sobre quatro linhagens atuantes na cidade: a do grupo Escravos Brancos (Mestre Albino), a do antigo Senzala (dos mestres meninos), a da Associação Beira-Mar Capoeira (Mestre Traíra²⁰) e a do grupo Mocambo (professor Zumba²¹). Antes de descrevê-las, é importante explicitar que a noção de “linhagem” é nativa, não apenas em Teresina, mas em muitos outros contextos de diferentes partes do mundo. A ideia surge com maior força na capoeira angolana dos anos 1980, quando houve uma revitalização das tradições baianas do início do século XX e a valorização da conexão com elas, enquanto forma de militância etnopolítica (atrelar a prática aos antigos mestres e, em última instância, aos africanos), mas também como meio de valorização dentro do incipiente mercado que se formava em torno da suposta “tradição pura”. Desde então, o termo “linhagem” passou a ser amplamente utilizado pelos capoeiristas para se autoidentificarem e se situarem no universo mais amplo da capoeira.

Apesar de a noção de “linhagem” ser oriunda da Antropologia do Parentesco, nosso uso é inspirado na tradição da Antropologia Política britânica, mais especificamente em Evans-Pritchard (1981). Com o termo, não buscamos descrever vínculos consanguíneos ou fixos, mas construídos socialmente mediante afiliações que sustentam uma rede ou um circuito de relações sociais. Ou seja, as linhagens orientam posições numa estrutura de acordo com aproximações (alianças) e distanciamentos (conflitos) que, por não serem fixos, são contextuais e situacionais (BRITO, 2017). Analiticamente, um sistema organizacional pautado nas linhagens retrata um “processo de segmentaridade” – não necessariamente linear e piramidal, como normalmente se supõe, mas por vezes rizomático (GOLDMAN, 2004).

Apesar desse uso em termos políticos, temos que reconhecer nas linhagens de capoeira elementos atrelados à dimensão do parentesco, sobretudo no que tange à ideia de “ancestrais” (cabeças de linhagem) ou, como aparecerá neste artigo,

¹⁹ Albino Brito Veras, policial civil aposentado, 71 anos. Trabalhou durante décadas como professor de capoeira e funcionário público da prefeitura de Teresina. Em 2001, foi condecorado com um diploma pelo 25º Batalhão de Caçadores do Estado do Piauí “pelos serviços prestados ao Batalhão”. Uma foto dele com o diploma, de alguns militares e do Mestre John Grandão foi postada no grupo de WhatsApp da FPC, relatando que o Mestre John Grandão foi convidado por ele para participar da cerimônia de homenagem.

²⁰ Cicero Pereira da Silva Filho, funcionário público aposentado, 64 anos.

²¹ Raimundo Nonato Marinho, funcionário público, 58 anos.

de mestres “mais velhos”. Nesse sentido, toda linhagem traz em si um elemento político que chamaremos de “gerontocracia”, ou seja, a atribuição do poder mediante a idade, não necessariamente a idade cronológica do indivíduo, mas aquela contada a partir dos anos dedicados à capoeira.

Iniciaremos nossa breve descrição dessas linhagens pela Associação Beira-Mar Capoeira, fundada em 1989 por Mestre Traíra. Este aprendeu suas primeiras gingas com Mestre Paulo Capoeira e mais tarde vinculou-se ao Mestre Mão de Ouro, de Sobradinho (DF), quem lhe concedeu o título de mestre em 1978 (BEZERRA, 2021). Algo que nos chamou a atenção foi o distanciamento dessa linhagem dos debates atuais da comunidade capoeirística teresinense, uma vez que seus membros nunca compareceram às reuniões políticas analisadas no período aqui tratado, embora Mestre Traíra apareça nas narrativas como catalisador de um conflito político importante em 2008, quando reivindicou a presidência de uma federação de capoeira estadual que estava em formação (como veremos adiante). Seu nome surge no trabalho de campo como um capital político a ser conquistado, um mestre neutro cogitado pelas duas federações em meio a uma disputa por correligionários. Em maio de 2019, ele foi convidado a participar de um dos eventos da FPC e a manifestar o seu apoio publicamente, porém, apesar de ter aceitado e de ter sua foto divulgada na programação do evento, não compareceu e nem se filiou à FPC.

Professor Zumba, por sua vez, frequentava todas as rodas e treinava com todos os capoeiras da cidade (sobretudo os Mestres Albino, John e Tucano), mas nunca se vinculou formalmente a nenhum grupo. Em 1985, fundou o grupo Jongo, que, depois de dois anos, passou a se chamar Mocambo (nome do bairro onde a sede se localizava, na Zona Norte de Teresina). Em 1999, o grupo Mocambo se extinguiu, e Mestre Zumba parou de praticar capoeira, mas alguns de seus “descendentes” permanecem ativos até hoje, representando dois outros grandes grupos na cidade: os Mestres Jabi-raca²² e Brutus²³ tornaram-se responsáveis pela sede do grupo Muzenza,²⁴ do Piauí, e os contramestres Alemão²⁵ (LIMA FILHO, 2019) e Doutor²⁶ tornaram-se responsáveis

²² João Lima Filho trabalha exclusivamente com capoeira, 49 anos.

²³ Hildo Teles Júnior, vigilante, 56 anos.

²⁴ Grupo liderado por Mestre Burguês (Antônio de Menezes, 66 anos) e sediado em Curitiba (PR).

²⁵ José Severino dos Santos Filho, motorista, 48 anos.

²⁶ Felismino dos Santos Júnior, consultor de vendas, 45 anos.

pelo grupo Capoeira Gerais,²⁷ em Teresina (SANTOS JÚNIOR, 2021). Importante ressaltar que, em termos políticos, com exceção do contramestre Alemão, poderíamos dizer que essa linhagem se alinha à do Mestre Albino, e, como veremos adiante, isso significa alinhar-se à FPC.

Mestre Albino, fundador do grupo Escravos Brancos, é natural de Luís Correia, cidade litorânea do estado do Piauí. Passou alguns anos em São Paulo durante a juventude, momento em que aprendeu capoeira com o Mestre Zé da Volks²⁸ em São Bernardo do Campo (VERAS, 2021). Mestre Zé da Volks sempre foi associado à Federação Paulista de Capoeira, compondo, inclusive, o quadro do Conselho de Mestres. Aprendeu capoeira angola com Mestre José de Freitas, que foi aluno dos Mestres Caiçara e Waldemar, ambos da Bahia. Aprendeu também a regional com João Ferreira (SP), que foi aluno, por sua vez, do Mestre Paulo Gomes²⁹ (PEREIRA, 2018). Mestre Albino retorna de São Paulo a Teresina em 1977, e em 1979 funda a Associação de Capoeira Escravos Brancos.³⁰ Nos anos seguintes, atuou nos JEB's (Jogos Escolares Brasileiros), se destacando nacionalmente pelas inúmeras vitórias de sua equipe. Em 1981, conquistou a façanha de ser contratado como professor de capoeira pela prefeitura de Teresina, aposentando-se também como professor de capoeira em 2017 e formando dois mestres: Oscar³¹ e Pebança³², além de muitos contramestres e professores.

No mesmo período em que Mestre Albino criou a Associação de Capoeira Escravos Brancos em Teresina, os Mestres John Grandão,³³ Bobby, Paulinho Velho,³⁴

²⁷ Grupo liderado por Mestre Mão Branca (William Douglas Guimarães, 61 anos) e sediado em Belo Horizonte (MG).

²⁸ José Pereira, pintor, 75 anos. Mestre Zé da Volks é presidente fundador da Academia de Capoeira Abolição. É filiado à Federação Paulista de Capoeira e usa as cores da bandeira do Brasil no sistema de graduação de seu grupo.

²⁹ A identificação de Mestre Paulo Gomes como regional é dada pelo próprio Mestre Zé da Volks. Não sabemos se ele próprio se identificava como tal. O que se sabe é que ele foi aluno do Mestre Arthur Emídio (ver COSTA, n. d.).

³⁰ O nome "Escravos Brancos" atribuído pelo Mestre Albino foi inspirado na constatação de que ele, Mestre Albino, era um escravo da capoeira e um homem branco; logo, um escravo branco. Posteriormente, foi significada de modo a expandir a condição escrava para além da população negra: "*hoje todos são escravos do sistema*" (VERAS, 2020, n. p.).

³¹ Oscar da Silva Sardinha, 61 anos, é assistente técnico-administrativo da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SEMEL) e fundador da Associação Cultural Oscapoeira.

³² José Marinho Batista, 51 anos, segurança particular e fundador da Associação Cultural de Capoeira Iê Berimbau.

³³ Antônio John Leite, 58 anos, proprietário de uma empresa de segurança privada. É fundador do grupo Capoeira Contemporânea.

³⁴ Paulo César Valadares Carvalho, professor da Educação Básica, 53 anos. Mestre Paulinho Velho foi aluno do Mestre Albino e, posteriormente, uniu-se ao grupo Palmares, que se fundiu ao grupo Quilombo e depois ao Senzala. Atualmente é mestre do grupo Abadá, da cidade de Teresina.

Tucano,³⁵ Chocolate,³⁶ Monteiro,³⁷ Rapadura,³⁸ Quinzinho,³⁹ Bozó⁴⁰ e Socorro⁴¹ dão origem a dois outros grupos: Mestre John Grandão e Monteiro fundam e lideram o grupo Nova Lua; e os Mestres Bobby, Tucano e Chocolate fundam e passam a liderar o grupo Palmares. Em determinado momento, ambos os grupos se fundiram e deram origem ao grupo Nova Lua de Palmares. Por fim, após algum tempo, a partir da iniciativa de seus líderes, o grupo Nova Lua de Palmares transforma-se no grupo Quilombo Capoeira, que, em 1985, é oficializado como Associação Filantrópica, Cultural e Esportiva Quilombo Capoeira, legalmente constituída (SILVA, 2016), liderada pelos Mestres John Grandão, Tucano, Bobby e Chocolate.

Em abril do ano de 1983, vindo de São Paulo, chega a Teresina o Mestre Guarulhos, membro da Federação Paulista de Capoeira, e organiza um evento, em parceria com Mestre Albino, cujo intuito foi lançar a proposta de homogeneizar a prática na cidade segundo os princípios da Federação Paulista de Capoeira, assim como certificar os professores em atividade na cidade como mestres através dessa entidade. A maioria dos líderes do grupo Quilombo resolveu não participar das certificações, somente do evento, que aconteceu no Clube dos Professores. Receberam o certificado apenas os Mestres Albino, John Grandão e Monteiro.

Mesmo com essa relativa aliança entre os Mestres Albino e John Grandão, este último seguiu aliado aos Mestres Tucano, Bobby, Chocolate e, mais tarde, ao Mestre Paulinho Velho, que juntos decidiram aderir ao grupo Sensala, o qual conheceram através da revista *Do*, especializada em artes marciais. Souberam da existência de uma *filial* desse grupo em Fortaleza (CE) e rumaram para lá, voltando com o propósito de se tornarem representantes do grupo Sensala em Teresina. Com isso, realizaram vários cursos técnicos de capoeira, entre os anos de 1985 e 1986, ministrados

³⁵ José Gualberto da Silva Neto, 57 anos, professor de Educação Física da rede estadual do Piauí. Mestre do grupo Raízes do Brasil em Teresina.

³⁶ Roberto Dito da Silva, 56 anos, trabalha exclusivamente com capoeira em Caracas, na Venezuela. Fundador do grupo Humaitá, Terreiros de Bamba.

³⁷ Monteiro Silva está entre os precursores, fez parte dos grupos fundadores e transitou do grupo Quilombo para o grupo Escravos Brancos ainda nos primeiros anos da década de 1980. Após algum tempo, ministrou cursos para a polícia, mas abandonou seu trabalho com capoeira ainda na década de 1990.

³⁸ Thomas Waquim de Menezes. Engenheiro civil, 58 anos.

³⁹ Joaquim Gutemberg Teixeira Caldas. Professor de Educação Básica, 59 anos.

⁴⁰ Airtton Brandim. Professor do IFPI, 58 anos.

⁴¹ Maria do Socorro Paiva Sales. Funcionária pública, 52 anos.

pelos Mestres Dingo,⁴² Canário⁴³ e Paulão Ceará,⁴⁴ todos cearenses e à frente do grupo Senzala em Fortaleza na ocasião (SILVA; FERREIRA NETO, 2021). Após a vinda de Paulão Ceará, que na época residia no Rio de Janeiro e treinava na escola de Mestre Camisa,⁴⁵ os membros do grupo Quilombo vão a Recife, em batizado de capoeira coordenado pelo professor Linguado,⁴⁶ e conhecem pessoalmente o Mestre Camisa, estabelecendo sua vinda a Teresina para familiarizar-se com o trabalho e filiar-se definitivamente ao Senzala, num evento que ocorreu em novembro de 1986 (SILVA, 2016). Naquele momento, a capoeira assume protagonismo nas cenas culturais e esportivas de Teresina, de modo que, desde o final da década de 1980 até o final da década de 1990, foram organizados grandes eventos de capoeira na cidade.

Seguindo a mesma dinâmica, porém a partir de outras concepções, Mestre Albino funda a FPC e convida os representantes do grupo Senzala para fazer parte dela, porque era o único grupo de capoeira que possuía Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), ainda referente à associação do extinto grupo Quilombo (aqui talvez tenha sido uma das primeiras tentativas de unificação da categoria na cidade). No entanto, Mestre Camisa, como responsável pela filial teresinense do grupo Senzala, contrário à proposta esportiva e homogeneizadora das federações, aconselhou os membros do grupo Senzala de Teresina a recusar o convite do Mestre Albino.

Muitos outros grupos nasceram desde então, outros morreram, mas o importante é que, mesmo diante de um intrincado processo de segmentaridade, hoje o cenário político da capoeira teresinense se organiza tendo como referência estas duas últimas linhagens: de um lado, Mestre Albino, do grupo Escravos Brancos, e seus aliados; de outro, os mestres (“meninos”) do antigo grupo Senzala e seus aliados.

Como vimos, além desse modelo organizacional tradicional segmentado do “sistema de linhagem” (BRITO, 2017), existem diferentes unidades sociais sobrepostas: coletivos, grupos, associações, federações etc. As duas últimas se assemelham

⁴² Fernando César Araújo. Educador físico e presidente fundador do grupo Capoeira Mundi.

⁴³ Richardo Marques Vasconcelos, 56 anos. Trabalha exclusivamente com capoeira e é mestrando do grupo Abadá de Fortaleza.

⁴⁴ Paulo Sales Neto, 60 anos, trabalha exclusivamente com capoeira. Presidente fundador do grupo Capoeira Brasil.

⁴⁵ José Tadeu Carneiro Cardoso, 66 anos, trabalha exclusivamente com capoeira. Presidente fundador do grupo Abadá-Capoeira.

⁴⁶ Jorge Pedro Cabral da Silva Júnior. Professor responsável pelo Senzala em Pernambuco até 1989, quando faleceu tragicamente durante uma roda de capoeira em Brasília (VASCONCELOS JÚNIOR, 2021). Aproveitamos para agradecer ao Mestre Paulão Kikongo e ao Mestre Luiz Renato por informações sobre o caso e através de quem chegamos até Mestre Papagaio (Vasconcelos Júnior).

por conta da relação burocrática com o Estado, já que devem ser registradas na prefeitura e em cartório e responder como pessoas jurídicas, mas guardam diferenças importantes entre si na medida em que uma associação refere-se a um grupo, e uma federação, a uma junção de associações – logo, uma junção de grupos.

A Federação Piauiense de Capoeira

Iniciamos este tópico com uma breve reflexão sobre os valores orientadores das relações sociais das linhagens e das federações. Entendemos que a capoeira, em sua dimensão das linhagens e dos grupos, segue seus princípios particulares, com ampla autonomia, e, nesse sentido, tem um caráter “privado”, cujos valores são oriundos dos mestres ancestrais e dos mais velhos representantes da linhagem. Isso inclusive foi conquistado a duras penas no âmbito jurídico (ver BRITO, 2020). Em muitas partes do mundo, confederações e federações esportivas são rigorosamente reguladas pelo Estado. Contudo, dizem Canon *et al.* (2018, p. 160):

[...] no caso brasileiro, o caráter público das confederações e, até mesmo, a delegação por parte do Estado, podem ser identificados apenas de maneira tácita [...]. Assim, percebe-se que não há na legislação e também nos estatutos das confederações muita clareza sobre o papel destas e do Estado, denotando-se confusão na relação entre público e privado.

Mesmo que as federações esportivas brasileiras sejam consideradas instituições de caráter público apenas de maneira tácita, há que ter em conta a captação de verba pública e o poder de decidir junto ao governo o andamento de políticas públicas de toda a categoria, inclusive nos âmbitos estaduais e municipais. Dizem os autores:

[...] Em somatório, qualquer entidade que receba verba pública deverá respeitar os princípios da administração pública, quais sejam da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e eficiência, equiparando em certa medida, as entidades privadas às estatais, conferindo-lhes caráter público. (*Ibidem*, p. 161)

Para o antropólogo Roberto DaMatta (1997), esse seria o grande dilema do Brasil, uma disposição confusa entre o público e o privado. Para ele, o âmbito “privado” é o lugar da “hierarquia” enquanto valor, ou seja, da relação entre “pessoas” que se complementam, como a relação hierárquica entre “mais velhos” e “mais novos” na capoeira. Já o âmbito “público” seria o lugar do “individualismo” enquanto valor, regido, por sua vez, por princípios republicanos, como “igualdade”, “liberdade” e “meritocracia”, que se desdobram em “transparência”, “eficiência” etc. Entretanto, o autor diz que no

Brasil há uma relação de sobreposição complexa entre esses valores: “[...] quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar” (*Ibidem*, p. 20).

Em última instância, a ideia de linhagem refere-se ao âmbito familiar, e na capoeira isso não é diferente. Há nas linhagens da capoeira uma lógica hierárquica pautada na gerontocracia, na medida em que o poder se centra nos seus fundadores e nos “mais velhos”. Entretanto, devemos nos perguntar: tratando-se do âmbito burocrático-administrativo das federações de capoeira, as posições de poder seguem esse mesmo princípio, funcionam segundo os princípios republicanos da “igualdade” e da “meritocracia”, ou nelas impera a sobreposição de ambas as lógicas?

Como já foi aludido nos tópicos anteriores, Mestre Albino funda a Federação Piauiense de Capoeira, ainda na década de 1980, sem o apoio de outras associações/grupos de capoeira do estado. Segundo a lei em vigência na ocasião, eram necessárias três “associações de capoeira” (grupos registrados em cartório e com CNPJ válido) para formar uma federação. Como não havia outras associações de capoeira registradas, e a única que havia não estava interessada em aderir ao projeto, Mestre Albino utilizou, inteligentemente, o CNPJ de duas associações de futebol da cidade (Associação Desportiva River e Associação Desportiva Flamengo do Piauí), o que, diga-se de passagem, funciona como elemento de expiação sobre a legitimidade da entidade até os dias atuais.

Após 1998, as entidades federativas passaram a ter direito à verba oriunda da Loteria Esportiva, conforme a alínea III do Art. 8º da Lei nº 9.615/1998:

Art. 8º A arrecadação obtida em cada teste da Loteria Esportiva terá a seguinte destinação:

[...]

III – dez por cento para pagamento, em parcelas iguais, às entidades de práticas desportivas constantes do teste, pelo uso de suas denominações, marcas e símbolos [...]. (BRASIL, 1998, n. p.).

Assim, além de um caráter político atrelado à unificação dos capoeiristas, a FPC adquire um caráter político relativo à estratégia de captação de verba pública. Essa interpretação, iniciada por Mestre Albino, espalhou-se, e hoje o modelo federativo é entendido como tal pela maioria dos grupos de capoeira da cidade de Teresina.

No início dos anos 2000, as federações de capoeira do Brasil foram envolvidas em conflitos de ordem jurídica amplamente debatidos na esfera política formal. Conflitos de diferentes interesses entre os membros dos Conselhos Regionais

agrupados no Conselho Nacional de Educação Física (CREF/CONFEF) e os segmentos dos capoeiristas avessos à concepção “esportiva” da capoeira, que refletiram em contendas no Congresso Nacional, através de partidos de oposição, entre “progressistas” e “conservadores”. O CREF/CONFEF defendia que somente professores formados em Educação Física, federados e cadastrados nos conselhos poderiam atuar no mercado de trabalho da capoeira, o que excluía grande parte dos detentores tradicionais do saber capoeirístico, uma vez que sua maioria é formada por pessoas pretas e pobres, segmentos alijados de educação formal no Brasil. Essa contenda fortaleceu a perspectiva “cultural” da capoeira e contribuiu para o seu processo de registro como patrimônio da cultura imaterial do Brasil, em 2008.

Munidos com a noção de “cultura” legitimada pelo Registro de Bem Cultural Nacional, capoeiristas mobilizaram senadores e deputados de modo que a questão foi parar no Congresso Nacional: Alice Portugal, do PCdoB-BA, defendeu a proposta “cultural” de interesse dos capoeiristas e Arnaldo Faria de Sá, do PTB-SP, defendeu a proposta “esportiva” do CREF/CONFEF. (BRITO, 2020, p. 167-168)

Em Teresina, a concepção “esportiva” (característica da linhagem do grupo Escravos Brancos) e a concepção “cultural” (que permeou a formação da linhagem oriunda da antiga filial do grupo Senzala) sobrepujaram-se em uma lei de 2008 conquistada pelos capoeiristas dessa cidade, como fruto de uma negociação aberta por ocasião do registro da capoeira como bem cultural nacional. A Lei Estadual nº 5.784/2008, de autoria do deputado estadual Cícero Magalhães (PT-PI), “Cria o Dia da Capoeira e dispõe sobre o ensino e a prática da mesma nas unidades escolares da rede pública estadual de educação e dá outras providências” (PIAUÍ, 2008, p. 1). Nessa lei, há elementos que demonstram a tentativa de superação da dicotomia entre “esporte” e “cultura”, atestada pela necessária presença de conselheiros tanto da Fundação Cultural do Piauí (FUNDAC) quanto da Fundação de Esportes (FUNDESPI). Entretanto, apesar de a lei inserir-se num longo debate sobre a valorização do mestre detentor do saber cultural e de sua autonomia diante de entidades exógenas de caráter desportivo, a saber, o CREF/CONFEF e as federações, o inciso VI do Art. 9º da referida lei define a FPC como única entidade representativa de todo o segmento:

Art. 9º Fica autorizada a criação do Conselho Estadual de Ensino da Capoeira na Escola, de caráter permanente, como órgão deliberativo e de fiscalização e será presidido por um conselheiro oriundo da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí e composto de forma paritária por um total de 10 (dez) conselheiros e respectivos suplentes, representantes das seguintes entidades, nomeadas pelo Governador do Estado:

- I – um representante da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí – SEDUC;
- II – um representante da Fundação dos Esportes do Piauí – FUNDESPI;
- III – um representante da Fundação Cultural do Piauí – FUNDAC;
- IV – um representante da Coordenadoria Estadual para Inclusão da Pessoa com Deficiência – CEID;
- V – um representante da Coordenadoria dos Direitos Humanos e da Juventude do Estado do Piauí;
- VI – **cinco representantes da Federação Piauiense de Capoeira – FPC.** (PIAÚÍ, 2008, p. 2, grifo nosso)

Lembremos que a FPC era formada apenas pela linhagem do grupo Escravos Brancos e, obviamente, não era representativa de todo o segmento capoeirístico do estado, de tal modo que foi impossível formar um conselho com cinco representantes de diferentes associações de capoeira oriundas da FPC. Resumidamente, esse Conselho Estadual de Ensino da Capoeira na Escola (CEECE) nunca foi formado em sua completude, e, a despeito de a Lei Estadual nº 5.784/2008 ter sido, se não a primeira, uma das primeiras conquistas com esse teor em todo o território nacional, nunca foi utilizada, e ainda fez com que os capoeiristas locais passassem a culpabilizar-se, adotando para si o discurso oficial de que são desorganizados.

Podemos aqui nos remeter ao poder exercido pelo Estado no controle de grupos minoritários e da subjetivação dos indivíduos, impondo formas específicas de organização, mediante a invalidação de formas localizadas de saber e de suas formas específicas de organização social.

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito ao outro através do controle e da dependência, e ligado à sua própria identidade através de uma consciência ou do autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e sujeita. (FOUCAULT, 1995, p. 35)

Na ocasião, os conflitos estruturais (de linhagem) se atualizaram, e novas estratégias políticas foram pensadas, uma *política da prática*, como definida por Mestre Parafuso⁴⁷ (SILVA, 2018). Com a constatação de que os conflitos políticos eram oriundos de uma lógica conflitiva estrutural, própria à capoeira teresinense (SILVA, W., 2020), um grupo de mestres representantes de distintos grupos provenientes da linhagem do antigo Senzala promoveu a *roda dos amigos*.

⁴⁷ Carlos Ferreira Lima, 52 anos, motorista, presidente fundador da Associação Escola de Capoeira do Brasil.

Esse circuito de rodas de capoeira, organizadas em rede e realizadas cada qual em seu bairro, em dias distintos,⁴⁸ tinha o intuito de unir muitos capoeiristas em diversas regiões da cidade onde pudessem, além de jogar capoeira, discutir sobre os encaminhamentos políticos da comunidade.

Essa *política da prática* instaurou espaços de sociabilidade e de articulação política envolvendo o ritual da roda de capoeira, mais especificamente o ritual da roda de rua, ora servindo para performatizar a fissão e as disputas⁴⁹ entre linhagens, ora servindo como meio de estabelecer e tornar públicas as alianças. Como resultado dessa política, tentou-se pela primeira vez organizar uma nova federação, paralela e oposta à FPC, mas o elemento geracional do sistema de linhagem (o princípio gerontocrático citado anteriormente) sobrepôs-se à lógica técnico-burocrática recém-adotada pelos mestres “mais novos”, articuladores da *roda dos amigos*, porque Mestre Traíra, um dos mais antigos mestres da cidade, reivindicou para si a presidência da nova federação. Diante disso, o conflito instaurou-se, o movimento desarticulou-se novamente, e a nova federação não foi formada.

Importante ressaltar que Mestre Traíra continua sendo uma liderança respeitada pelos capoeiristas como um dos mestres “mais velhos”, isso quer dizer que a gerontocracia é um elemento político operante em toda a comunidade capoeirística da cidade. A questão que surge aqui é a separação entre uma lógica associada ao saber tradicional das linhagens e aos grupos (gerontocrática) e outra lógica associada a saberes técnicos e à meritocracia, como veremos adiante.

Em 2016, a FPC deixou de pagar seus encargos anuais ao Estado e foi desativada. Não se falou mais sobre isso até janeiro de 2019, quando surgiu o Coletivo de Capoeira do Piauí, com mais uma proposta de unificação das duas linhagens através da FPC, mediante a renovação de seu estatuto.

⁴⁸ A “roda dos amigos” ainda é formada por quatro rodas e ocorre sempre às sextas-feiras: na primeira sexta-feira do mês ocorre a roda coordenada por Mestre Parafuso, na praça Monte Castelo, Zona Sul de Teresina; na segunda sexta, a roda era coordenada por Mestre Kelson (Kelson Kleber da Silva Rocha, militar, 53 anos), na Avenida Frei Serafim, centro da cidade (atualmente, essa roda foi substituída por aquela coordenada por contramestre Toyota – Antônio Carlos de Moraes, modelista, 48 anos –, na praça Promorar, Zona Sul de Teresina); na terceira sexta, a roda é coordenada por mestrando Bauzinho (Reginaldo Fernandes da Silva, vigilante, 43 anos), na praça São José, na cidade de Timon, divisa com Teresina; e, na quarta sexta do mês, a roda é coordenada por Mestre Diogo (José Francisco Diogo Alves, educador, 58 anos), na praça Liceu, no centro de Teresina (CABRAL, 2020).

⁴⁹ A capoeira de Teresina é conhecida por ser muito agressiva, consequência de uma disputa por mercado entre grupos e uma necessidade de “autoafirmação” constante dos capoeiristas entre si, assim como entre eles e praticantes de outras lutas da cidade (ver SILVA, W., 2020). Como diz Mestre John Grandão: “A Roda do 7 de Setembro de antigamente foi o local para o jogo duro, para a autoafirmação do capoeirista. Era um tempo que, para ser respeitado, tinha que brigar mesmo” (LEITE, 2019, n. p.).

Renovação do conflito: da esfera burocrática à esfera político-partidária

Na primeira reunião do Coletivo de Capoeira do Piauí, o contramestre Boqui-nha explicitou os princípios que o regeriam e distribuiu um documento com o seguinte teor:

Proposta do Coletivo Capoeira do Piauí

Eixo de sustentação do coletivo:

1ª A capoeira é o motivo principal da união do Coletivo;

2ª Criação e construção do Instituto da capoeira;

3ª Articulação do coletivo na criação e implementação de políticas públicas para a capoeira.

(Obs.: O Coletivo de forma alguma poderá interferir na política interna e organizacional dos seus membros no tocante aos seus respectivos trabalhos com a capoeira, preservando a especificidade de cada grupo).

Como seria implementados os eixos:

1ª Serão compostos por mestres, contramestres e professores da nova geração, com poder de articulação nos seus núcleos.

2ª O instituto da capoeira será uma obra física onde terá teatro, área de treinos, academia, biblioteca e videoteca de capoeira e temas afins, alojamento, oficinas de artesanatos, estúdio de gravação de som e vídeo, salas para cursos teóricos, museu da capoeira, sala para a velha-guarda, lojas de produtos de capoeira, oficina de costura e estamparia.

3ª Será escolhido, de forma democrática, a indicação de um dos membros do Coletivo, para concorrer no pleito de vereador no ano de 2020, tendo como bandeira os 3 eixos acima descritos. Deixa claro que cada membro poderá concorrer a um pleito e se eleito exercerá apenas um mandato. O próximo pleito será com outro membro. Toda a equipe do eleito será composta por membros do Coletivo, sendo vetada a indicação de qualquer pessoa que não seja membro do Coletivo (Coletivo Capoeira do Piauí, fevereiro de 2019).

Uma das primeiras ações do coletivo foi a definição de dois GTs, cuja participação era aberta a todos os interessados: um destinado ao debate sobre a reativação da FPC, e outro, ao debate sobre as políticas de salvaguarda junto ao IPHAN. O GT da Salvaguarda realizou algumas reuniões, e tudo correu harmoniosamente, sobretudo porque havia apenas representantes de uma das duas citadas linhagens, a linhagem do ex-grupo Senzala, historicamente atrelada à concepção cultural da capoeira. Já o GT da Federação, que reunia membros das duas linhagens supracitadas, dividiu-se depois de algumas reuniões (e era essa a maior preocupação de todos), antes mesmo da reativação da FPC, sendo que o catalisador dessa divisão foi a proposta de refazer o estatuto da federação e eleger um quadro novo de pessoas para a

diretoria, formado pela nova geração detentora de saberes burocráticos e administrativos que a geração mais velha não detém, o que significaria destituir Mestre Albino de sua presidência vitalícia.

A ideia de atribuir poder à “nova geração”, como descrito no estatuto do coletivo, foi interpretada pelos “mais velhos” e pela ampla maioria dos membros da linhagem do grupo Escravos Brancos como uma espécie de motim contra a velha-guarda da capoeira piauiense, um desrespeito ao princípio de senioridade/gerontocracia e à tradição. A partir daí, formou-se um grupo que trabalhou pela reativação da Federação Piauiense de Capoeira, defendendo a manutenção da velha-guarda na presidência, e outro grupo decidido a formar uma nova federação, a Federação de Capoeira do Piauí (FECAPI), tendo mestres mais novos no quadro principal do poder.

Mestre John Grandão foi o único da velha-guarda que participou ativamente do coletivo. Ele demonstrava-se preocupado em mediar diplomaticamente a relação entre os “novos” e os “velhos” mestres sem abalar a legitimidade do Mestre Albino. Essa suposta posição conciliadora de Mestre John Grandão já se mostrara havia quase 40 anos, quando ele fora o único entre os mestres fundadores da linhagem do antigo Senzala a aceitar o título de mestre pelas mãos de Mestre Guarulhos e da Federação Paulista de Capoeira, em evento organizado por Mestre Albino, conforme já citado neste texto.

Mestre John Grandão e contramestre Doutor (um capoeirista iniciado na década de 1990, que havia parado de treinar e que retorna de forma muito atuante, inclusive assumindo alguma liderança, respaldada por grande parte da comunidade, no processo de reativação da FPC) estabeleceram diálogo junto aos mestres velhos. O resultado da negociação foi que Mestre Albino passaria a presidência da FPC diretamente a Mestre John Grandão, sem a necessidade de eleições nem de revisão no estatuto; o vice-presidente seria Mestre Pebança,⁵⁰ discípulo de Mestre Albino; o diretor de arbitragem seria Mestre Tambor; o diretor técnico seria o professor Sílio,⁵¹ discípulo de Mestre Albino; o secretário executivo seria o professor Denys,⁵² discípulo de Mestre Pebança; e o tesoureiro seria o contramestre Doutor.

⁵⁰ José Marinho Batista, 51 anos, segurança particular. Fundador e líder da Associação Cultural de Capoeira Iê Berimbau.

⁵¹ Sílio Caldas Lima, 30 anos, historiador de formação, mas atua profissionalmente como policial militar do estado do Piauí. Em 2022, professor Sílio se separou do Grupo Escravos Brancos e fundou o Grupo Kaluanã. Antes disso já tinha abdicado de seu cargo na FPC.

⁵² Denys Lucas Barros de Freitas, advogado, 25 anos.

Essa informação soou aos mestres da “nova geração” como uma decisão antidemocrática e aristocrática, acentuando o conflito.

Tratava-se de divergências políticas sobre modelos distintos de gestão do poder. A nova geração posicionou-se claramente pela separação entre o elemento geracional da lógica tradicional do sistema de linhagem e a meritocracia relacionada ao conhecimento técnico-burocrático-administrativo e/ou empresarial, distinguindo as unidades sociais “grupo de capoeira” e “federação de capoeira”: *“um grupo deve ser liderado pelo mestre mais velho, da forma que ele achar melhor, e pelos princípios da senioridade, já a Federação deve ser liderada pelo capoeirista eleito pelos membros federados”* (SOUZA SILVA, 2019, n. p.); ou *“[...] a Federação deve ser gerida segundo um modelo empresarial, com pessoas tecnicamente competentes em seus cargos, para lidar com o poder público”* (SANTANA, 2018, n. p.).

Assim, a comunidade da capoeira de Teresina e sua política são constituídas atualmente pelo coletivo e por duas federações – a FPC (fundada em 1983) e a FECAPI (fundada em 2019). No que se refere à gestão do poder, podemos dizer que a primeira tem tendência “tradicional/conservadora”, com gestão do poder centralizado, verticalizado e baseado na gerontocracia; e a segunda, de tendência “moderna/progressista”, com poder disperso horizontalmente e baseado em capacidades técnico-administrativas.

Uma questão relevante, derivada dos modelos de gestão do poder, refere-se ao Conselho de Mestres, outra entidade cuja existência é entendida pelo coletivo, ao lado da federação, como uma exigência para que a negociação sobre as políticas públicas de salvaguarda ocorra. A FPC defende que o Conselho de Mestres deve ter poder deliberativo, já a FECAPI pensa que deve ser apenas consultivo.

Assim começaram as campanhas de ambas as federações pela arregimentação de grupos/associações (portadores de CNPJ) para seus quadros. Grupos no WhatsApp, no Facebook e no Instagram foram criados (FECAPI e FPC), logomarcas foram elaboradas e eventos foram promovidos durante os anos de 2018 e 2020. A FECAPI organizou uma eleição, e nela definiu-se que Mestre Parafuso seria o presidente, ao lado da instrutora Mariposa⁵³ como vice-presidenta. A equipe foi composta

⁵³ Yarema Leite Rodrigues de Sousa Alves, 43 anos, professora de História e vereadora (SOLIDARIEDADE) do município vizinho a Teresina, José de Freitas (PI). É idealizadora do Movimento das Mulheres na Capoeira. Membro da filial do grupo Raízes do Brasil em José de Freitas.

também por Mestre Touro,⁵⁴ professor Tingaúna,⁵⁵ instrutora Feiticeira,⁵⁶ graduado Edilson⁵⁷ e graduada Pantera,⁵⁸ todos membros da linhagem do antigo Senzala.

Vínculos com políticos profissionais foram atualizados e/ou estabelecidos por ambas as partes. Um membro da FECAPI conseguiu apoio de Teresa Britto, deputada do Partido Verde (PV), que financiou toda a documentação necessária para a abertura da federação e ajudou financeiramente a regularizar as associações que se interessavam em aderir à FECAPI, além de oferecer consultoria relacionada aos procedimentos requeridos. Já a FPC elaborou um projeto de lei com o mesmo teor da Lei Estadual nº 5.784/2008, para ser parte do programa de Marcelo Capoeira, ex-aluno do Mestre Albino e pré-candidato a vereador pelo Partido Social Democrático (PSD).

Como vimos, as diretorias das duas federações correspondem às duas grandes linhagens fundantes da capoeira da cidade, com exceção do Mestre John Grandão,⁵⁹ que, mesmo sendo um dos cofundadores da linhagem do antigo Senzala, sempre manteve alguma relação com Mestre Albino. Isso nos indica a influência de afinidades relativas a outras dimensões da vida social, além da capoeira. A consideração do *ethos* profissional pode nos ajudar a entender a configuração sociopolítica dos capoeiristas da cidade de Teresina: Mestre Albino é policial civil aposentado, Mestre John Grandão é proprietário de uma empresa de segurança, assim como Mestre Tambor é policial militar aposentado, professor Sílio é policial militar da ativa e Mestre Pebança é segurança privado.

Já a maioria dos membros da FECAPI é formada por profissionais liberais: Mestre Parafuso é motorista, instrutora Mariposa é professora de História e vereadora, Mestre Touro é professor de Educação Física, contramestre Tingaúna é gestor cultural, entre outros exemplos. O caráter progressista da FECAPI manifesta-se, também,

⁵⁴ George Fredson Rocha Serra, 47 anos, educador físico e supervisor da Modalidade Luta da FUNDESPI, líder da filial estadual do grupo Raízes do Brasil no Piauí.

⁵⁵ Aerton Ezequiel Alves, 42 anos, gestor cultural e estudante de Direito, líder da filial do grupo Raízes do Brasil na cidade de José de Freitas.

⁵⁶ Samara Lima Nunes de Araújo, 30 anos, secretária, membra do grupo Escola de Capoeira do Brasil.

⁵⁷ Edilson Pereira do Nascimento, 49 anos, pedagogo, jornalista e diretor de escola estadual, membro do grupo Raízes do Brasil em Teresina.

⁵⁸ Ana Cléia da Rocha Costa, 36 anos, agente comunitária de saúde, membra da filial do grupo Raízes do Brasil em José de Freitas.

⁵⁹ Mestre John vem de uma família de militares, seu avô foi tenente, e seu pai, sargento, atuando como segurança do coronel Emílio Garrastazu Médici, o terceiro presidente do período da ditadura militar brasileira, de 1969 a 1974 (LEITE, 2020).

na preocupação de ter representatividade negra e feminina na diretoria: sua primeira logomarca tem as silhuetas de um homem e de uma mulher capoeiristas sob o mapa do estado do Piauí; sua vice-presidenta é uma mulher preta e idealizadora do movimento “Capoeira cor de rosa” (JOSÉ..., 2018); o presidente e outros membros da diretoria se autoidentificam como pretos ou negros, sendo que um deles é militante do Movimento Negro da cidade.

No campo da política partidária, se a FPC teve Marcelo Capoeira (Marcelo Adriano Carvalho de Sousa), do PSD, ex-capoeirista e integrante da linhagem de Mestre Albino, como candidato a vereador nas eleições de 2020, o Coletivo de Capoeira Piauiense – e, indiretamente, a FECAPI – lançou a candidatura de um mandato coletivo (PCdoB), composto por contramestre Boquinha, Mestre Parafuso, professora Feiticeira, Mestre Kunta⁶⁰ e DJ Laís,⁶¹ integrante da Casa do Hip-Hop de Teresina. Professor Marcinho (Márcio Célio de Castro Costa) – DEM – e instrutor André Carrasco (André Andreson Rodrigues) – PRTB –, mesmo sem ter o apoio formal de nenhuma das federações, demonstraram afinidade à FPC, sobretudo pela presença de contramestre Doutor no quadro diretor da FPC, que tem se mostrado uma pessoa carismática e agregadora.⁶²

Considerando o quadro partidário brasileiro desenhado segundo um espectro ideológico encontrado nos estudos de Maciel, Alarcon e Gimenes (2017) e de Scheefffer (2018), temos, genericamente, a FECAPI situada à “esquerda” (PCdoB), e a FPC, à “direita” (PSD/DEM/PRTB).⁶³

Ao final das eleições, nenhum dos candidatos foi eleito: o candidato da FPC, Marcelo Capoeira, obteve 581 votos; a candidatura coletiva da FECAPI (PCdoB) obteve 108 votos; o professor Marcinho obteve 99 votos; e André Carrasco obteve 42 votos (CANDIDATOS..., 2020).

Parece-nos evidente que o cenário aqui descrito reflete uma

⁶⁰ Luzivan Souza Silva, psicólogo, mestrando em Matemática, 41 anos. Participou ativamente do movimento e foi cogitado para o cargo de tesoureiro na diretoria da FECAPI.

⁶¹ Laislane Silva Rocha, realiza projetos sociais na Casa do Hip-Hop de Teresina, local no qual contramestre Boquinha também realiza seus projetos sociais com a capoeira.

⁶² Um dos meios de agregar muitos capoeiristas da cidade em torno de temas importantes para a comunidade foi a formação de um grupo de discussão no WhatsApp, chamado de “Vadeia Piauí”.

⁶³ Há indícios de que afinidade religiosa também seja parte dos marcadores identitários entre as federações: a FPC tem em sua diretoria um pastor evangélico e muitos cristãos de diferentes denominações; já a FECAPI possui em sua diretoria um “pai pequeno” de umbanda e outros adeptos de religiões afro-brasileiras. Mas isso ainda requer maior aprofundamento.

[...] “polarização identitária” como um sistema que se refere à divergência e fragmentação de opiniões, visões e pontos de vista entre extremos opostos ideológicos-identitários [...]. O dilema identitário é a marca do panorama contemporâneo, em particular no espaço brasileiro. (COSTA, 2020, p. 406)

Chamamos a atenção para o fato de que, das quatro candidaturas, apenas uma encontra-se no polo “progressista” – PCdoB –, e três, no polo “conservador” – PSD/DEM/PRTB. Dos cerca de 400 mil votos válidos, as chapas de capoeiristas não conseguiram nem 1%, foram apenas 830 votos. Entretanto, para fins de análise do espectro ideológico dos capoeiristas, parece-nos interessante constatar que, desses 830, apenas 108 foram para o polo “progressista”, e 722 foram para o polo “conservador”, ou seja, cerca de 87% dos votos das chapas de capoeiristas foram conservadores.

Gostaríamos de finalizar ressaltando que, ao lado da polarização identitária nacional, parece-nos haver o embate entre um histórico esforço racional, no sentido de constituir estratégias visando à unidade na comunidade capoeirística, e uma força contrária, causadora de conflitos, que nos parece ser inconsciente e sempre reconduzir a uma estrutura segmentar. A federação, o coletivo e os partidos são instituições agregadoras de categorias, mas, tratando-se de capoeira, a unificação se perde no meio do caminho, e essas próprias instituições são mobilizadas para construir novas formas de segmentação. Como na máxima estruturalista, “quanto mais muda, mais permanece o mesmo”.

Esse fenômeno, visível no caso teresinense, também é encontrado num caso recente, ainda em processo, de âmbito nacional: a tentativa de fundação de um partido da capoeira, que se dividiu em dois nos primeiros meses de organização. Após as eleições municipais, um grupo de mestres de vários estados brasileiros, sobretudo da Bahia, formou um GT para organizar e fundar um partido político exclusivamente constituído por e para capoeiristas, o Partido Brasileiro da Capoeira (PBC). Trata-se de uma proposta de *“unificação política dos capoeiristas de todo [o] Brasil em prol da defesa do patrimônio da capoeira no plano político partidário”* (PBC, 2021, n. p.).

Um dos seus fundadores é Mestre Piauí, que, apesar de morar na Bahia há muitos anos, leva consigo o nome de sua terra natal e tem se esforçado para incluir o seu estado como um dos estados fundadores do PBC, segundo o que soubemos de integrantes do partido (grupo de WhatsApp do PBC). Alguns capoeiristas piauienses se destacaram como delegados estaduais no partido arregimentando filiados, entre

eles estão o contramestre Bob⁶⁴ e o Mestre Canseira.⁶⁵ Durante a campanha de formação dos diretórios estaduais necessários ao registro do partido no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), houve conflitos internos que segmentaram a almejada unidade, de modo que parte dos fundadores do PBC o abandonou e passou a organizar outro partido da capoeira, o Partido Nacional da Capoeira (PNC) (ver PNC-RN, 2021). Mestre Canseira permaneceu no PBC e contramestre Bob acompanhou Mestre Piauí no PNC (NASCIMENTO, 2021). Essa segmentação deveu-se a conflitos causados por diferentes perspectivas sobre o melhor modelo de gestão do poder, assim como ocorre, em outra escala, com as federações no Piauí.

Assim, insistimos, parece-nos razoável suspeitar que as mesmas forças que agem na comunidade capoeirística da cidade de Teresina atuam também na comunidade capoeirística nacional: ações racionais voltadas à formação da unidade política na comunidade capoeirística *versus* uma força contrária, inconsciente, restabelecendo a sua estrutura segmentar através do conflito.

Considerações finais

Vemos que o estado do Piauí, diferentemente de muitas outras capitais dos estados do Nordeste, não apresenta indícios de que houve prática da capoeira antes do fim da década de 1960, tendo suas raízes nos estados do sudeste e do centro-oeste do Brasil. Desde a sua estruturação inicial, a burocratização é entendida pelos capoeiristas teresinenses como algo necessário e inevitável para a realização da “política”, enquanto meio de captação de verba pública e de elaboração de políticas públicas de salvaguarda, independentemente de suas posições no espectro ideológico. Tal burocratização é fortemente influenciada por segmentos do Estado, na medida em que a estrutura de negociação estabelecida entre a sociedade e o Estado impõe a definição de uma entidade da sociedade civil que seja representativa de todo o segmento em questão (“coletivo”, “Conselho de Mestres”, “federações” etc.). Como diz Mestre Albino, há uma “[...] *pressão das autoridades, toda vez que íamos na secretaria, qualquer capoeirista... eles diziam: ‘não, tem que ser todo mundo junto, tem que vir uma federação’*” (VERAS, 2020). Tal “pressão” é uma das formas de o Estado exercer seu poder,

⁶⁴ Robson de Souza Nascimento, 38 anos, é profissional de Educação Física, membro da Associação de Capoeira Escravos Brancos.

⁶⁵ Aloísio Nicolau Costa, trabalha exclusivamente com capoeira, 61 anos.

subjetivando e homogeneizando um segmento extremamente multifacetado como o da capoeira, visto que visa a domesticá-lo e a minimizar os conflitos estruturais oriundos da organização social tradicional das linhagens.

Apesar disso, a capoeira resiste à homogeneização, reproduzindo a segmentaridade existente no âmbito das linhagens, tanto no campo administrativo quanto no campo político formal. O que, por um lado, pode significar um fenômeno de resistência política, por outro pode, contraditoriamente, enfraquecer o movimento político da categoria. Eis o desafio dos capoeiristas: manter sua estrutura tradicional no campo das linhagens e estabelecer meio de comunicação política que fortaleça a categoria.

Importante salientar que não se trata de defender uma correspondência universal entre os pares de oposição “capoeira desportiva *versus* capoeira cultural” e “ideologia conservadora *versus* progressista”, nem tampouco inserir nessa correspondência o par de oposição “gerontocracia/democracia”. A realidade é muito mais complexa do que isso, e nela encontramos, por vezes, esses elementos embaralhados. Alguns grupos estudados aqui, por exemplo, defendem a perspectiva cultural sem excluir de suas atividades os campeonatos esportivos, assim como os grupos formadores da federação alinhada ao partido progressista defendem a gerontocracia. O que fizemos foi analisar as oposições estruturais na dimensão das linhagens da capoeira teresinense e compará-las a duas outras dimensões distintas desse universo: a dimensão burocrático-administrativa das federações e a dimensão político-partidária.

A despeito de todos os grupos e linhagens analisados aqui serem geridos a partir da gerontocracia, uma das linhagens faz a diferenciação entre a gestão “privada” dos grupos e das linhagens e a gestão “pública” das federações.⁶⁶ O âmbito “privado”, “familiar”, é o lugar da “hierarquia”, ou seja, das diferenças complementares, como a relação hierárquica entre “mais velhos” e “mais novos” na capoeira. Já o âmbito público seria o lugar do “individualismo”, ou seja, da igualdade e da meritocracia.

Em nosso estudo, a linhagem de capoeira teresinense que reproduz a hierarquia entre “mais velhos” e “mais novos” no âmbito público das federações corresponde à posição político-partidária à direita no espectro ideológico. Infelizmente, como os candidatos aqui analisados não foram eleitos nem possuem registros de atuação política, não nos é possível pensar na relação entre a operacionalização da lógica

⁶⁶ Para mais informações sobre confederações, federações esportivas e o Estado, ver Canan, Rojo e Starepravo (2018).

hierárquica das linhagens e a gestão político-administrativa; ou seja, se conseguiriam trabalhar de forma igualitária em prol da categoria ou apenas reproduzindo a relação de reciprocidade com base no pertencimento a uma linhagem.

Em termos de espectro ideológico e político-partidário, nossa análise apenas demonstra, sobre a atualidade, aquilo que escritos de cronistas da Primeira República analisados por Soares (1993) já haviam indicado sobre o passado: a capoeira mantém um de seus pés no “progressismo” e outro no “conservadorismo”, como na referida relação, no período imperial, entre as maltas cariocas e os partidos políticos: os Nagôs estavam alinhados ao Partido Conservador/Monarquista, enquanto os Guayamús mantinham ligação com o Partido Liberal/Republicano (ver SOARES, 1993, p. 60-61).

Assim, apesar de ser preciso reconhecer a continuidade da lógica conflitiva da linhagem para o campo político, o que sugere uma conclusão estruturalista do tipo “quanto mais a sociedade muda, mais permanece a mesma”, é preciso ir além, como diz Sahlins:

O conteúdo do sistema se modifica, mas não suas normas. No entanto, apenas sob certas circunstâncias e aparências, é verdade que, quanto mais ele muda, mais permanece o mesmo. Uma visão da história que se contente em ver na formação das classes e do Estado – não menos que isso esteve envolvido nessa discussão – apenas a reprodução da estrutura tradicional limita arbitrariamente os poderes da compreensão antropológica. (SAHLINS, 2008, p. 67-68)

Como um complemento interpretativo para essas considerações finais, consideramos os fenômenos tratados aqui como uma espécie de jogo de poder que envolve táticas e estratégias entre Estado (agentes políticos, secretários e técnicos) e capoeiristas. Nesse jogo, aquilo que chamamos de “resistência” é rotulado como “desorganização, bagunça ou briga”, como já exposto: *“não conseguem nada por causa da desorganização dos capoeiristas que vivem brigando entre si e nunca conseguem um consenso”*. Como resultado desse jogo desigual pelo poder, a comunidade capoeirística continua desatendida e, como subproduto desse jogo, interiorizou a visão ofensiva sobre si, reproduzindo que são desorganizados e culpados por tal desatendimento por parte do Estado. Há, portanto, um eterno jogo entre Estado e capoeiristas que começou há muito tempo e ainda está ocorrendo. Assim como um jogo na roda, esse jogo entre Estado e capoeira opera segundo uma lógica de perguntas e respostas, de táticas e estratégias, de dominação e resistência.

Escrevemos este artigo tendo em mente a máxima de que a ciência trata *do que é, e não do que deveria ser*, e, dessa forma, esperamos ter demonstrado que a associação imediata entre capoeira e qualquer posição político-ideológica é essencialista e, portanto, prejudicial à reflexão política. Ao evitar tal essencialismo – corriqueiro nos estudos sobre capoeira – demos passos iniciais em direção a uma importante questão política da capoeira hodierna: a relação entre o “tradicionalismo” (manutenção) e o “progressismo” (mudança).

Se a capoeira é “resistência”, ela o é apenas na medida em que se opõe ao poder de domesticação exercido pelo Estado num plano estrutural, independentemente do posicionamento político-ideológico das pessoas que a praticam. Já nesse plano das escolhas pessoais, político-ideológicas, podemos dizer como mestre Pastinha que “*a capoeira é tudo que a boca come*” (PASTINHA!, 1999), seja doce, seja amargo ao nosso paladar.

Referências bibliográficas

Entrevistas

AGUIAR, Antônia. Depoimento oral. Entrevista concedida a SILVA, Wanderson Lima da. Teresina, ago. 2018. .mp3 (85 min). *Relações sociais e conflitos: as dimensões da organização sociopolítica da capoeira em Teresina*.

BEZERRA, Antônio R. C. (Mestre Chacal). Depoimento oral. Entrevista concedida a BRITO, Celso de. Teresina, jul. 2021. .mp3 (35 min). *A política e o Estado: a capoeira na cidade de Teresina*.

BRANDIM, Airton de S. (Bozó). Depoimento oral. Entrevista concedida a Robson Carlos da Silva. Teresina, jul. 2020. .mp3 (45 min). *Memórias e reminiscências da capoeira teresinense*.

CANAN, Felipe; ROJO, Jeferson; STAREPRAVO, Fernando A. “Considerações sobre a relação entre estado e confederações esportivas”. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 26(1), 2018, p. 156-166.

CARVALHO, Dayton Starley Moita de (Mestre Piauí). *Da academia, rodas para a universidade*. Entrevista concedida a FERNANDES, Wellington Nelson. [S. l.], maio 2020. Instagram: @rabodearraia. Série “Bate-Papo com Ginga”, podcast Mania de Ginga.

CARVALHO, Dayton Starley Moita de (Mestre Piauí). Depoimento oral. Entrevista concedida via WhatsApp a BRITO, Celso de. [S. /], ago. 2021. A política e o Estado: a capoeira na cidade de Teresina.

LEITE, Antônio John (Mestre John Grandão). Depoimento oral. Entrevista concedida a BRITO, Celso de. Teresina, maio 2019. .mp3 (130 min). A política e o Estado: a capoeira na cidade de Teresina.

LEITE, Antônio John (Mestre John Grandão). Capoeira Viva com Mestre John Grandão PI. Entrevista concedida a ANDRADE, Gilvan de (Mestre Gilvan). [S. /]: Programa Capoeira Viva, jun. 2020. 1 vídeo (77 min). Publicado pelo canal CapoterapiaWebTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hApEEzONi5k>. Acesso em: 2 jun. 2021.

LIMA FILHO, João (Mestre Jabiraca). Depoimento oral. Entrevista concedida a SILVA, Wanderson Lima da. Teresina, maio 2019. .mp3 (83 min). Relações sociais e conflitos: as dimensões da organização sociopolítica da capoeira em Teresina.

NASCIMENTO, Robson de S. Depoimento oral. Entrevista concedida a BRITO, Celso de. Teresina, ago. 2021. mp3 (43 min). A política e o Estado: a capoeira na cidade de Teresina.

PBC – PARTIDO BRASILEIRO DA CAPOEIRA. Criação do Partido Brasileiro da Capoeira. Entrevista concedida a MENEZES, Paulo H. [S. /]: Rádio Capoeira, mar. 2021. 1 vídeo (212 min). Publicado pelo canal Rádio Capoeira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6vutlWDvDsw>. Acesso em: 2 jun. 2021.

PNC – PARTIDO NACIONAL DA CAPOEIRA. Live do PNC com representantes da capoeira de Sergipe. Entrevista concedida a Mestre Jones da Bahia. [S. /]: Conselho de Mestres e Mestras de Capoeira do RN, mar. 2021. 1 vídeo (154 min). Publicado pelo canal Conselho de Mestres e Mestras de Capoeira do RN. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=feBhS_79dx8. Acesso em: 2 jun. 2021.

PEREIRA, José (Mestre Zé da Volks). Entrevista com Mestre Zé da Volks. Entrevista concedida a LOBO, Vítor. São Bernardo do Campo: Fala Capoeira, 21 jun. 2018. 1 vídeo (62 min). Publicado pelo canal Fala Capoeira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zz56VAlepYI&t=338s>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SANTANA, Leônidas F. da S. (contramestre Boquinha). Depoimento oral. Entrevista concedida a BRITO, Celso de. Teresina, nov. 2018. .mp3 (104 min). A política e o Estado: a capoeira na cidade de Teresina.

SANTOS JÚNIOR, Felismino Santos (contramestre Doutor). Depoimento oral. Entrevista concedida a BRITO, Celso de. Teresina, out. 2021. .mp3 (162 min). A política e o Estado: a capoeira na cidade de Teresina.

SILVA, Carlos (Mestre Parafuso). Depoimento oral. Entrevista concedida a BRITO, Celso de. Teresina, nov. 2018. .mp3 (130 min). A política e o Estado: a capoeira na cidade de Teresina.

SILVA NETO, José Gualberto (Mestre Tucano). Depoimento oral. Entrevista concedida via WhatsApp a SILVA, Robson Carlos da. [S. /], jun. 2020. Memórias e reminiscências da capoeira teresinense.

SOUSA, Marcos Cesar Gomes de (Cezinha). Depoimento oral. Entrevista concedida a SILVA, Robson Carlos da. Teresina, jun. 2020. .mp3 (35 min). Memórias e reminiscências da capoeira teresinense.

SOUZA SILVA, Luzivan (Mestre Kunta Kinte). Depoimento oral. Entrevista concedida a BRITO, Celso de. Teresina, mar. 2019. .mp3 (127 min). A política e o Estado: a capoeira na cidade de Teresina.

VASCONCELOS JÚNIOR, Ruy B. de (Mestre Papagaio). Depoimento escrito. Entrevista concedida via WhatsApp a BRITO, Celso de. [S. /], ago. 2021. A política e o Estado: a capoeira na cidade de Teresina.

VERAS, Albino B. (Mestre Albino). Mestre Albino – bate-papo. Entrevista concedida a MENDES, Bruno (professor Tucano). [S. /]: Capoeira Entretenimento, maio 2020. 1 vídeo (332 min). Publicado pelo canal Capoeira Entretenimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NloEB-6WHkQ&t=5s>. Acesso em: 2 jul. 2021.

VERAS, Albino B. (Mestre Albino). Depoimento oral. Entrevista concedida via Google Meet a BRITO, Celso de; NASCIMENTO, Robson de Souza (professor Bob). [S. /], jun. 2021. .mp3 (44 min). Capoeira em Teresina, construção do registro de um patrimônio imaterial da cidade.

Bibliografia

ADINOLFI, Maria Paula Fernandes. “A salvaguarda do patrimônio imaterial em tempos de aniquilação da diversidade: notas sobre o fundamentalismo cristão e a

'capoeira gospel'". *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 6(11), jan./jul. 2019, p. 51-64.

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6715>. Acesso: 30 set. 2014.

ARAÚJO, Rosângela Costa. *Ê, viva meu mestre – a capoeira angola da “escola pastiniana” como práxis educativa*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2004.

ARAÚJO, Rosângela Costa. “Ginga: uma epistemologia feminista”. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress, 2017, Florianópolis. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. n. p.

BRAGA, Geslline Giovana. [Sem título]. *Anuário Antropológico*, 44(1), 2019, p. 359-363. [Seção] Resenhas. Resenha da obra de: BRITO, Celso de. *A roda do mundo: a capoeira angola em tempos de globalização*. Curitiba: Appris, 2017.

BRAGA, Geslline Giovana. “Memórias não vividas: O título de patrimônio cultural no jogo por direitos e na luta por reconhecimento”. *Capoeira-Revista de Humanidades e Letras*, vol. 4, N. 2, Fortaleza, 2018, p. 107-121. Disponível em <http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/capoeira/article/view/127/123>. Acesso em 21 jul.2021.

BRASIL. *Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm. Acesso em: 20 jul. 2021.

BRASIL. *Roda de Capoeira recebe título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade*, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRITO, Celso de. *A roda do mundo: a capoeira angola em tempos de globalização*. Curitiba: Appris, 2017.

BRITO, Celso de. “Política e capoeira: uma análise comparativa dos casos brasileiro e português”. In: BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel (org.). *Cultura, política e sociedade: estudos sobre a capoeira na contemporaneidade*. Teresina: EDUFPI, 2020. pp. 159-176. https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/livro_digital1_120200609161144.pdf. Acesso em 10 mar. 2021.

CABRAL, Miguel F. O. As relações entre capoeiristas e as rodas de rua em Teresina. Relatório de atividades. Programa de Iniciação Científica, Universidade Federal do Piauí, 2020.

CALDAS, Alan. *Valentia e linhagem: uma história da capoeira*. Curitiba: Appris, 2018.

CANDIDATOS a vereador do município de Teresina-PI. *Estadão*, Teresina, 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2020/candidatos/pi/teresina/vereador>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PAULO GOMES DA CRUZ. In: VELHOS MESTRES. [S. l.]: Velhos Mestres, n. d. Disponível em: <https://velhosmestres.com/br/destaques-55>. Acesso em: 23 jan. 2021.

COSTA, Maria A. N. "A polarização identitária e a pulverização programática no Brasil atual". *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, 12(3), set./dez. 2020, p. 404-429. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistapassagens/article/view/46137>. Acesso em: 15 maio 2021.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EVANS-PRITCHARD, E. E. "Os Nuer do sul do Sudão". In: EVANS-PRITCHARD, E. E.; FORTES, Meyer (org.). *Sistemas políticos africanos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981. pp. 469-508.

FÉLIX, João Batista de Jesus. *Hip-Hop: cultura e política no contexto paulistano*. Curitiba: Appris, 2018.

FOUCAULT, Michel. "Por que estudar o poder: a questão do sujeito". In: DREYIUS, Huber; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, pp. 31-49.

FRIGERIO, Alejandro. "Capoeira: de arte negra a esporte branco". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 4(10), 1989, p. 85-98.

GOLDMAN, M. "Segmentaridades e movimentos negros nas eleições de Ilhéus". *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 7(2), 2001, p. 57-94.

GONZÁLEZ-VARELA, S. Capoeira e inmovilidad: estrategias de resistencia y los desafíos frente a la emergencia sanitaria del COVID-19. *Forhum International Journal of Social Sciences and Humanities*, 3(4), 2021, p. 16-27. Disponível em: <https://cife.org.mx/forhum/index.php/forhum/article/view/65>. Acesso em: 5 jun. 2021.

GRANADA, Daniel. "Compreender o Brasil através da capoeira: capoeira, 'raça' e 'nação' no Brasil". In: BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel (org.). *Cultura, política e sociedade: estudos sobre a capoeira na contemporaneidade*. Teresina: EDUFPI, 2020. pp. 7-22.

JOSÉ de Freitas sedia terceira edição do Capoeira Cor de Rosa. *Meionorte.com*, [S. l.], 26 abr. 2018. Disponível em: <https://www.meionorte.com/pi/cidades/jose-de-freitas/jose-de-freitas-sedia-terceira-edicao-do-capoeira-cor-de-rosa-321639>. Acesso em: 15 jul. 2021.

MACIEL, Ana Paula Brito; ALARCON, Anderson de Oliveira; GIMENES, Éder Rodrigo. "Partidos políticos e espectro ideológico: parlamentares, especialistas, esquerda e direita no Brasil". *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 8(3), 2017, p. 72-88. Disponível em: https://www.cesop.unicamp.br/w/1IMb2TaMwNQ_MDA_36c05_/partidos%20pol%C3%ADticos%20e%20espectro%20ideol%C3%B3gico%20parlamentares%20especialistas,%20esquerda%20e%20direita%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.

MAGALHÃES FILHO, Paulo A. *Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Deodoro: a espada contra o império*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

MALINOWSKI, Bronisław. "Introdução". In: *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1998. (Coleção Os Pensadores).

OBADIA, Lionel. *L'ethnographie comme dialogue: immersion et interaction dans l'enquête de terrain*. Paris: Publisud, 2003. (Coleção Terrains et Perspectives).

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de grupos urbanos*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEÇANHA, Cinézio F. *Gingando na linha da Kalunga: capoeira angola, engolo e a construção da ancestralidade*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, 2019.

PIAÚÍ (estado). *Lei Ordinária nº 5.784 de 29/07/2008*. Cria o Dia da Capoeira e dispõe sobre o ensino e a prática da mesma nas unidades escolares da rede pública estadual de educação e dá outras providências. Teresina: Governo

do Estado, 2008. Disponível em: <http://legislacao.pi.gov.br/legislacao/default/ato/13747>. Acesso em: 2 ago. 2021.

PIAUÍ (estado). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Processo nº 01402.000775/2015-18. Ações e planos de salvaguarda – bens imateriais. Memorando: 240-2015. [S. l.]: DIVTEC IPHAN-PI, 2015.*

PINHEIRO, Camila Maria Gomes. “Mulher na roda não é pra enfeitar’: a ginga feminista e as mudanças na tradição da capoeira angola”. *Caminhos da História*, 24(1), 2020, p. 82-96.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937). Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1996.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. Negros e brancos no jogo da capoeira: a reinvenção da tradição. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.

SAHLINS, Marshall. *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SCHEEFFER, Fernando. “A alocação dos partidos no espectro ideológico a partir da atuação parlamentar”. *E-legis*, (27), set./dez. 2018, p. 119-142. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/5417/2018_scheeffe_alocacao_partidos_espectro.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 25 jul. 2021.

SILVA, Childer Nataniel. *Coletivo Domingos de Angola: a capoeira teresinense entre o público e o privado*. Teresina: EDUFPI, 2021.

SILVA, Paulo Henrique Menezes da. A luta pela salvaguarda da capoeira no estado do Rio de Janeiro: visão de um mestre. Dissertação de Mestrado. Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, Robson Carlos da. As narrativas dos mestres e a história da capoeira em Teresina/PI: do pé do berimbau aos espaços escolares. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2012.

SILVA, Robson Carlos da. *As narrativas dos mestres e uma história social da capoeira em Teresina/PI: do pé do berimbau aos espaços escolares*. Curitiba: ERV, 2016.

SILVA, Wanderson Carlos Lima da. Relações sociais e conflitos: as dimensões da organização sócio-política da capoeira em Teresina. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí, 2020.

SILVA, Childer Nataniel; BRITO, Celso de. Da política nativa à política formal: a capoeira angola teresinense e o valor da ocupação do espaço público. *FSA*, 17(8), ago. 2020, p. 48-68.

SILVA, Robson Carlos da; FERREIRA NETO, José Olímpio. "O protagonismo do Grupo Senzala na capoeira de Fortaleza e Teresina (1980-1990)". *Ensino em Perspectivas*, 2(1), 2021, p. 1-14. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoem perspectivas/article/view/4551>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SILVA, Igor Monteiro; NASCIMENTO, Ricardo. "Capoeira, cidade e cultura: notas etnográficas sobre ocupações criativas em Fortaleza-CE". *O público e o privado*, (29), 2017, p. 55-71.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A negregada instituição: os capoeiristas na Corte Imperial (1850-1890) – Volume I. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Campinas, 1993.

SOUSA NETO, Marcelo de. "Entrando na roda': história e memória da capoeira em Teresina-PI (1970-1990)". *Vozes, Pretérito & Devir*, 1(1), 2013, p. 92-106.

VASSALO, Simone P. "A capoeira como patrimônio imaterial: novos desafios simbólicos e políticos". In: Encontro Anual da Anpocs, 32., 2008, Caxambu. GT 29: Patrimônios, museus e ciências sociais. Caxambu: Anpocs, 2008. n. p.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. "Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira". *Estudos Afro-Asiáticos*, (34), dez. 1998, p. 81-121.

VIEIRA, Luiz Renato; FONSECA, Vivian L. "Construction d'un dialogue: la capoeira et les relations avec l'État brésilien en débat". *Cultures-Kairós*, 1, 2012, n. p. Disponível em <https://revues.mshparisnord.fr/cultureskairos/index.php?id=525>. Acesso em: 30 dez 2021.

ZONZON, Nicole Christine. "Capoeira abalou: corpo de mulheres, legitimidade e tradição". In: BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel. *Cultura, política e sociedade: estudos sobre a capoeira na contemporaneidade*. Teresina: EDUFPI, 2021. pp. 137-158.

Filmografia

AUETU! A capoeira angola no fio da navalha. Direção: André Silvério. Santo André: Cadência Filmes, 2014. 1 vídeo (59 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DcqTrD5hUUo>. Acesso em: 15 jul. 2021.

PASTINHA! Uma vida pela capoeira. Direção: Antônio Carlos Muricy. Rio de Janeiro: Raccord Produções, 1999. 1 fita de vídeo (56 min), VHS/NTSC, son., color.

Fonografia

MESTRE Pastinha e sua academia. São Paulo: Philips, 1969. 1 disco (33 min), estéreo.